

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NÃO-BINÁRIO EM CANAIS DO YOUTUBE

NON-BINARY GENDER REPRESENTATIONS ON YOUTUBE CHANNELS

Manu de Calazans Gonçalves
Bianca Salazar Guizzo
Daniela Ripoll

Resumo:

Este artigo tem como principal objetivo investigar representações e estratégias representacionais acionadas por sujeitos não-binários em seus canais do YouTube. Para tanto, insere-se no campo teórico dos Estudos Culturais em Educação, partindo do pressuposto de que os vídeos postados em canais da plataforma YouTube são artefatos culturais que ensinam aos sujeitos diferentes modos de ser e agir. Metodologicamente, foram selecionados 14 vídeos publicados em dois canais protagonizados por sujeitos não-binários, sendo que foram escolhidos os que tratavam, diretamente, sobre o gênero não-binário. A partir da análise cultural desenvolvida, discutiu-se especialmente a questão da visibilidade dos corpos não-binários como estratégia para estabelecer intimidade e aproximação.

Palavras-chave: Gênero não-binário. YouTube. Estudos Culturais.

Abstract:

This article aims to investigate representations and representational strategies triggered by non-binary subjects on their YouTube channels. To do so, it is part of the theoretical field of Cultural Studies in Education, based on the assumption that videos posted on YouTube channels are cultural artifacts that teach subjects different ways of being and acting. Methodologically, 14 videos published on two channels starring non-binary subjects were selected, and those that dealt directly with the non-binary gender were chosen. Based on the cultural analysis developed, the issue of the visibility of non-binary bodies as a strategy to establish intimacy and approximation was especially discussed.

Keywords: Non-binary gender. YouTube. Cultural Studies.

Introdução

Esse artigo tem como principal propósito discutir representações e estratégias representacionais acionadas por sujeitos não-binários em seus canais do YouTube. O YouTube é uma plataforma baseada na cultura participativa (JENKINS, 2006) e em um movimento de co-criação de diferentes atores¹ - considerado “o maior aglutinador de mídia de massa da internet no início do século XXI” (MOTA; PEDRINHO, 2009), o YouTube incentiva a produção de conteúdo e a interação entre os usuários. Além disso, notadamente, a internet é um ambiente propício para discussões e/ou monólogos exaltados, seja com mensagens que louvam algo ou alguém quanto com mensagens de ódio e palavras de repulsa.

Para o desenvolvimento das análises apresentadas neste artigo, foram selecionados 14 vídeos protagonizados por dois sujeitos que se consideram não-binários: Bryanna Nasck e Cup, os quais serão mais bem descritos na seção metodológica deste artigo. Os vídeos selecionados abordaram diretamente o tema da não-binaridade de gênero. Para os Estudos Culturais, vertente teórica na qual circunscrevemos este estudo, os vídeos são entendidos como artefatos culturais que produzem uma pedagogia na medida em que acabam ensinando determinadas formas de ser, de se ver e de agir, bem como atuam na constituição de subjetividades e identidades de diferentes sujeitos. De acordo com Andrade e Costa (2015), as pedagogias culturais² expandem e multiplicam o

¹ O YouTube é, ao mesmo tempo: uma plataforma de armazenamento e compartilhamento de vídeos diversos, produzidos ou não pelos usuários; uma plataforma de *streaming* de transmissões ao vivo; um site agregador de conteúdos organizados em Canais; e, finalmente, uma rede social (permitindo a livre interação dos usuários e a expressão pessoal de ideias, histórias, visões de mundo, etc.). A plataforma foi criada por três ex-funcionários do site de comércio on-line *PayPal* - Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - em 2005, tendo sido adquirida pelo Google em novembro de 2006 em uma transação de 1,65 bilhão de dólares (ver detalhes em <https://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>).

² Giroux e McLaren (2001) afirmam que “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum” (p. 144). Ainda segundo os autores, “existem pedagogias padronizadas que codificam a experiência e moldam a produção de significado de forma predizível e convencional e, ao fazê-lo, naturalizam o significado e as estruturas sociais e as formas culturais que contribuem para reproduzir esse significado” (p. 144). Nos anos 90, o conceito era pensado, no Brasil, a partir da Pedagogia Crítica e, portanto, estava organizado em torno das noções de “poder”, “saber”, “sujeito” e “verdade” de orientação

entendimento sobre pedagogia, bem como evidenciam o caráter pedagógico da vida social e cultural. Assim, permite-nos assumir como pedagógicos os locais para além das instituições formais de educação.

Este artigo foi organizado da seguinte forma: primeiramente, discorreremos acerca dos conceitos teóricos centrais que embasaram as análises desenvolvidas; depois, descrevemos brevemente os aspectos metodológicos, bem como os canais analisados e seus protagonistas; apresentamos as análises desenvolvidas e, por fim, traçamos algumas considerações finais.

Representação, gênero e não-binaridade

Na perspectiva dos Estudos Culturais, é através das representações que concedemos sentido às coisas, o que evidencia a centralidade desse conceito para esta perspectiva. O conceito de representação aparece em Stuart Hall (2016) como prática central para a produção da cultura. As variadas representações com que nos deparamos no nosso cotidiano e nos diversos espaços de mídia com os quais temos contato nos auxiliam a construir e compartilhar sentidos. De acordo com Hall (2016), a representação constrói sentidos através da linguagem, e por linguagem entende-se práticas significantes

marxista e neomarxista. Nesse contexto, uma pedagogia cultural era entendida como “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus, etc.” (SILVA, 2000, p. 89). Tanto Giroux e McLaren (op. Cit.) quanto Steinberg e Kincheloe (2003) começaram a organizar os seus escritos de modo a criticar a mídia e as grandes corporações, tidas como determinantes para a “crise da infância” e, conseqüentemente, desencadeadoras de uma crise social e cultural mais ampla. Na introdução do livro “Kindercultura” (organizado por Steinberg e Kincheloe e voltado para a análise de artefatos até então “insuspeitos”, tais como bonecas Barbie, desenhos animados, livros infantis, brinquedos diversos, personagens de cadeias de fast-food, etc.), os autores afirmam que a “crise da infância” na contemporaneidade tem a ver, profundamente, com “a produção corporativa da cultura infantil popular e seu impacto nas crianças” (STEINBERG; KINCHELOE, 2003, p. 14-15) – portanto, com a “pedagogia cultural, que enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.”. Steinberg e Kincheloe (2003) salientam que o trabalho dos educadores contemporâneos exige o exame tanto das pedagogias culturais quanto das pedagogias e práticas escolares, para dar sentido aos processos educacionais em curso entre os séculos XX e XXI.

como textos, imagens, fotografias, música etc. Podemos, também, inserir nesse contexto artefatos de mídias digitais, como os vídeos produzidos por influenciadores digitais não-binários e postados em canais do YouTube. Nessa direção, a representação é considerada uma prática histórica e cultural, cujos sentidos podem ser modificados de uma cultura para outra ou, mesmo, em diferentes períodos de tempo.

Hall (2016) mostra como a representação do diferente e da diferença opera, numerosas vezes, através de estereotipagem. Para o referido autor, estereotipagem é uma prática representacional que reduz as pessoas e os grupos sociais a algumas poucas características simplificadas, essencializando e naturalizando tais características e, posteriormente, exagerando seus traços. Como prática representacional, a estereotipagem é, também, produtora de significados. A representação da diferença envolve “sentimentos, atitudes, emoções e mobiliza os medos e ansiedades do espectador em níveis mais profundos do que podemos explicar de uma forma simples” (HALL, 2016. p 140). Portanto, ao voltarmos o nosso olhar para sujeitos que têm a diferença marcada em seu corpo e em suas vivências, cabe valermo-nos das análises de Hall (2016) sobre a representação do “outro”.

Outro conceito caro a este artigo é o de gênero. Em sua obra, Butler (2000; 2003) defende o caráter de produção discursiva do gênero. É a partir dessa análise que ela desenvolve seus estudos em torno de gênero como performance, sendo isso uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas (BUTLER, 2000, p. 121). Tal performance evidencia o gênero como fabricação que se consolida e ganha contornos de natural a partir de atos repetitivos. Ou seja, “a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e a nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2003, p. 200).

É justamente nesses atos performáticos que a filósofa aponta a possibilidade de subversão da binaridade de gênero. Entre as repetições, abre-se espaço para as deformidades e evidencia-se o caráter fictício do gênero como identidade fixa. Aliás, para Butler, é precisamente nessas “irregularidades” que se revela o status performativo do

gênero (BUTLER, 2003, p 210). Em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’” (2000), a filósofa discute a questão da performatividade de gênero, agora focando em seu vínculo com a materialidade do corpo. Para ela, sexo é um ideal cuja materialização é imposta através da reiteração forçada de normas. Nesse texto, Butler não rejeita a noção material de corpo e gênero, mas a condiciona aos efeitos do poder e do discurso. Nesse processo de construção da materialidade, produzem-se e desestabilizam-se as fronteiras do gênero, formando corpos abjetos que não são considerados humanos a partir das normas regulatórias que atuam em sua fabricação.

Segundo Bento (2017), a maneira que definimos gênero pode, ou não, abarcar pessoas trans - aliás, é importante notar que a autora não fala em pessoas não-binárias especificamente, mas entendemos que elas estão inseridas junto com transexuais e travestis dentro do termo “trans”. De acordo com Bento (2017), os pressupostos gerais para aqueles que fazem estudos e pesquisas dentro do que se chama de *teoria queer* ou *estudos transviados* são: “1) a negação de identidade como uma essência; 2) o combate ao suposto binarismo identitário; 3) a interpretação do corpo como um lugar de combate e disputa” (BENTO, 2017. p 133). A ressalva que a autora faz, entretanto, é que nenhuma teoria ou campo teórico dá conta das diversas experiências e particularidades de vida das pessoas trans, o que não nos impede de dar a devida importância a estudos que tratem sobre a transexualidade e a não-binaridade de gênero - pelo contrário, motiva-nos a pautá-las nas discussões acadêmicas sobre gênero.

Outro teórico de relevância para essas discussões é o francês Paul Preciado (2014). A sociedade contrassexual de Preciado situa-se fora das oposições homem/mulher, heterossexual/homossexual, masculino/feminino. Nessa perspectiva, supõe-se que o sexo, a sexualidade e o gênero devem ser compreendidos como tecnologias sociopolíticas complexas, escapando de um pensamento que fixa qualquer uma dessas categorias como categorias unicamente biológicas. Ainda, o autor ressalta que o gênero se dá nas materialidades dos corpos, em contraposição a estudiosos que destacam apenas a discursividade do gênero, negligenciando seu aspecto material. Assim, para além do caráter performativo e discursivo do gênero, é de suma relevância observar a importância

de sua materialidade: é no corpo que os gêneros se inscrevem e é, primordialmente, nele que os outros leem o nosso gênero. O gênero

é puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo (PRECIADO, 2014. p 29).

Dessa maneira, estudamos e pesquisamos para, em acordo com Preciado, “sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições” (PRECIADO, 2014. p 27). Esse artigo, então, insere-se nesse esforço para colocar em foco vivências diferentes de gênero, especificamente a partir de sujeitos que se denominam não-binários.

Aspectos metodológicos

O primeiro canal analisado neste artigo é de Bryanna Nasck³, que se apresenta como mulher trans não-binária e reside na cidade de Tatuí, em São Paulo. Além de ter ganhado notoriedade com seu canal do YouTube, Bryanna também tem um significativo número de seguidores em redes sociais (como Twitter⁴ e Instagram⁵). O segundo canal é o de Cup⁶, jovem estudante de publicidade e propaganda que se afirma como agênero⁷ e reside em Aracaju, Sergipe. Cup teve acesso às discussões sobre não-binaridade a partir de conteúdos e pessoas estrangeiras que já falavam sobre o tema na Internet, enquanto no Brasil ainda pouco se falava sobre isso. Em troca de e-mails que realizamos com Cup, citou Judith Butler como sua principal influência teórica.

Em um mapeamento inicial dos canais, observou-se que os sujeitos tratam de assuntos bastante diversos. Bryanna Nasck, por exemplo, conta com 206 vídeos em seu

³ <https://www.youtube.com/c/BryannaNasckCanal>, acesso em 25 de outubro de 2022.

⁴ @BryannaNasck: 56,1 mil seguidores no Twitter em 25 de outubro de 2022.

⁵ bryannanasck: 48.9 mil seguidores no Instagram em 25 de outubro de 2022.

⁶ <https://www.youtube.com/apenasCup>, acesso em 25 de outubro de 2022.

⁷ Para Cup, agênero é uma identidade que está englobada pelo gênero não-binário.

canal, passando por relacionamentos, cabelo e maquiagem, corpo e saúde mental, gênero e sexualidade, entre outros. Já o canal de Cup tem 124 vídeos, que também abordam uma diversidade de temas, como estilo, cabelo, séries, linguagem, gênero e sexualidade. Dado o alto número de vídeos dos dois canais somados, e considerando que muitos, por abordarem outros assuntos que não o gênero não-binário, não trariam elementos para a análise, foi necessário fazer um recorte. Assim, voltamo-nos primeiro para aqueles que indicavam, desde o título do vídeo, tratar da não-binaridade de gênero.

As análises aqui empreendidas valeram-se dos pressupostos da análise cultural. De acordo com Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2018), a análise cultural permite uma profunda investigação contextual trazendo aspectos políticos, econômicos e sociais que evidenciam a interdependência da mídia em relação às instâncias da sociedade, pois considera a cultura como produção material que articula a dinâmica da totalidade social. Portanto, a análise cultural configura-se como análise política, conjuntural e articula produção e consumo cultural (MORAES, 2016. p 29). Entende-se que, a partir da análise da cultura e da mídia de determinado local, tempo e espaço, pode-se compreender a situação política daquele contexto. Com isso, segundo Wortmann (2002), ganham importância artefatos do cotidiano das pessoas, como jornais, revistas, programas televisivos e mídias digitais, tais como os canais do YouTube que aqui analisamos.

Representações e estratégias representacionais acionadas por Cup e Bryanna para falar sobre não-binaridade de gênero

Segundo Stuart Hall (2016), a representação é parte essencial da produção e do compartilhamento de significados em uma cultura. Visto que os significados não são fixos, a representação torna-se centro de disputas e contestação. Assim, ela se mostra como reivindicação importante para grupos considerados fora da norma, pois os significados culturais em torno deles constantemente os posicionam como “estranhos” e “anormais”. Os sujeitos protagonistas dos canais analisados fabricam e põem em ato representações e estratégias de representação como esforço para corroborar ou contrapor os significados circulantes na cultura.

Lauretis (1994) argumenta que gênero é uma representação que implica em efeitos materiais. Com isso, a autora considera que as representações que se fazem de gênero atuam na sua construção, o que não nega a materialidade de sua existência. A construção cultural de gênero a partir dos sistemas representacionais hegemônicos corrobora com o sistema homem-mulher que, a partir de sua existência binária, confere a um dos pólos hierarquia do poder, enquanto o outro é considerado como pólo inferior.

Preciado (2014) propõe a substituição desse contrato social heterossexual pelo que chama de “contrato contrassexual”. A partir desse contrato, superariam-se as diferenças oriundas do sistema binário sob o qual se fundamenta o contrato social heterossexual homem-mulher, pois não mais seríamos reconhecidos pelo nosso gênero. Assim, a contrassexualidade de Preciado (2014) se coloca à margem dos discursos hegemônicos, por se situar fora de oposições binárias. Nesse caminho, Bryanna e Cup se valem de estratégias para colocar em circulação significados que buscam superar os significados hegemônicos sobre identidades trans e não-binárias. Essas estratégias são justificadas em falas como a de Bryanna, no vídeo “Como se descobrir trans não-binário”, no qual diz que, durante sua vida, não via pessoas que representassem quem ela era ou como ela se sentia (Figura 1). Assim, Bryanna viu a necessidade de ela mesma produzir a representação da qual sentiu falta:

Figura 1 –Vídeo: “Como se descobrir trans não-binário”– Bryanna Nasck.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1pEGr3M3idU>
Captura de tela realizada em 14/11/2020.

Na descrição do vídeo de Bryanna, consta que “Em todas as redes sociais eu recebo pedidos de socorro. Onde diversas pessoas se encontram confusas e querem uma resposta. Será que sou trans? E hoje eu vou ajudar vocês a responder essa pergunta e construir sua própria felicidade”. Logo no início do vídeo, Bryanna afirma, de forma bastante intimista⁸:

“Descobrir seu gênero é uma jornada muito complexa. Naquela fissura da minha adolescência, o que era mais óbvio para mim é que eu curtia homens... e ao me assumir enquanto um garotinho gay, lá quando eu tinha 14 anos, eu achei que meus problemas estavam resolvidos. Só que eu percebi que aquele incômodo e aquele desconforto continuou me perseguindo por anos. E foi aí que eu comecei a questionar a minha existência, quem eu era e o meu gênero. Eu não via pessoas que representavam quem eu era ou a forma como eu me sentia, não havia representatividade como nós temos hoje. Essa perturbação me perseguiu durante diversos anos depois que eu me assumi, e eu não conseguia entender o que era aquilo, sabe? Tipo, será que eu sou bugada? Será que eu sou quebrada? O que está acontecendo? Mas eu permiti ter este questionamento. Eu me permiti olhar pra mim mesma e entender que a minha existência não pairava naquilo que disseram que eu era quando eu nasci. Conversando com uma amiga sobre essa perturbação, ela falou: ‘amiga, você é GenderQueer!’. (...). E no momento que eu comecei a pesquisar a descrição do gênero, você não se sentir pertencente nem dentro do gênero masculino e nem dentro do gênero feminino e tantas formas diferentes de você poder existir ME CONTEMPLOU COMPLETAMENTE. Naquele momento, eu tinha certeza de quem eu era”. Bryanna Nasck - Vídeo: “Como se descobrir trans não-binário”.

Num primeiro momento, Bryanna representa a descoberta da não-binaridade como uma jornada - longa, complexa, cheia de questionamentos, problemas, perturbações, incômodos, desconfortos e lacunas. A presença de uma figura amiga a indicar caminhos, pesquisas e leituras aparece, na narrativa, como um ponto de virada, e Bryanna posiciona-se exatamente desse jeito: como uma amiga que pode ajudar outras pessoas a encontrarem respostas.

A intimidade e a aproximação como estratégias representacionais

A internet facilita a publicização da vida privada, ao redimensionar as dimensões entre o público e o privado na cibercultura do século XXI (SANTANA, COUTO, 2012).

⁸ Com o intuito de diferenciar trechos do material empírico de citações teóricas, optamos por colocá-los em quadros como o abaixo.

p 34). Assim, mais do que qualquer outro espaço da vida social, a internet e suas redes sociais oferecem e incentivam o compartilhamento da vida íntima de seus usuários. Nesse sentido, argumentamos que uma das estratégias acionadas por Cup e Bryanna é o próprio formato de seus vídeos. Os vídeos selecionados para análise seguem o formato de *vlog*, que cria uma sensação de intimidade entre quem os produz e quem os assiste. O *vlog* é como um diário sendo compartilhado publicamente para qualquer um que tenha acesso, comumente gravado nos espaços em que *YouTubers* circulam em sua vida pessoal, ou seja, não em um estúdio de produção profissional. Nesse sentido, os vídeos ganham uma funcionalidade de diário íntimo, ou melhor, diário *éxtimo*, pois consistem em expor a própria intimidade nas redes digitais (SIBILIA, 2008). Segundo Sibilía (2008, p. 27),

Ao longo da última década, a rede mundial de computadores tem dado à luz um amplo leque de práticas que poderíamos denominar “confessionais”. Milhões de usuários de todo o planeta (...) têm se apropriado das diversas ferramentas disponíveis online, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente sua intimidade.

Isso acaba por criar um sentimento de aproximação com o espectador, pois a *YouTuber*, como vimos anteriormente, se mostra como uma amiga ao compartilhar seu diário pessoal e seus espaços íntimos, como sua casa e seu quarto. Evidentemente, seria ingenuidade pensar que não existe planejamento por trás desse cenário intimista. Mesmo que esses espaços pareçam espaços privados para nós, é muito provável que esses tenham sido preparados pensando nisso, como aponta Hillrichs (2016) em sua pesquisa sobre *vloggers* do YouTube. Esse autor argumenta que o quarto e os demais espaços “privados” mostrados em *vlogs* e vídeos do YouTube são locais escolhidos intencionalmente e preparados com um propósito. Assim, o local dos vídeos pode ser mais complexo do que parece e leva em conta uma série de fatores, como conveniência, escassez de recursos, ambições criativas e expectativas dos espectadores (HILLRICHS, 2016, p. 139).

Assim, os *YouTubers* utilizam seus canais como um diário pessoal, contando partes de si. Essa intencionalidade fica explícita em falas como a de Bryanna, quando diz:

“Então, quando eu faço os vídeos sobre questões não-binárias, quando compartilho minhas histórias de vida, é exatamente para permitir que vocês olhem para a minha existência, vejam como ela é e reflitam sobre seu próprio caminho”.

Bryanna Nasck–Vídeo: “Como se descobrir trans não-binário”.

Nesse sentido, compartilhar sua história é se aproximar de quem a assiste, criar um vínculo com aqueles que escutam sua intimidade. É, literalmente, se colocar como exemplo para os outros. Bryanna compartilha momentos e partes íntimas de sua vida, como ao mostrar suas cicatrizes no vídeo intitulado “Tour pelo meu corpo Trans” ou quando conta lembranças de sua infância:

“Desde que eu era pequenina, eu sempre tive a noção de que tinha algo errado com o que diziam que eu deveria ser. Eu não me identificava como homem ou muito menos com a expressão de gênero de homem que me fizeram engolir”.

Bryanna Nasck – Vídeo: “O que você é?! Minha identidade de gênero não-binário”

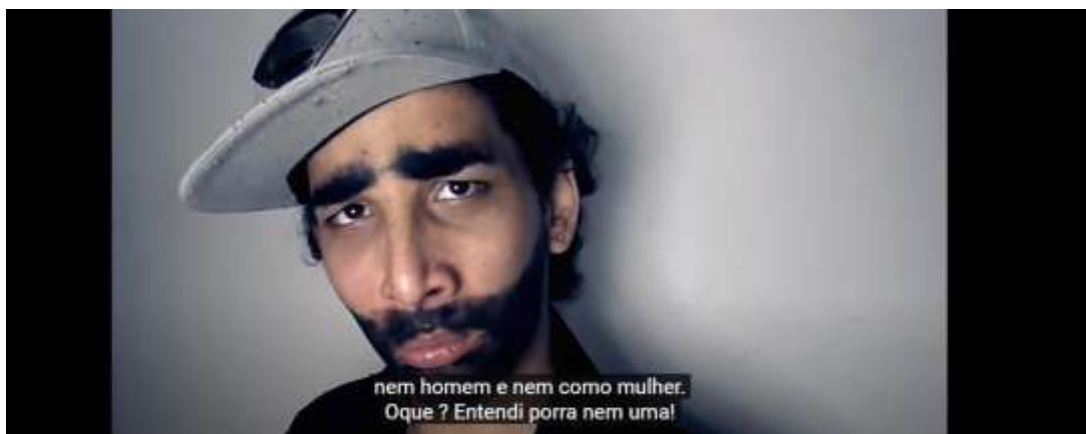
A construção desse sentimento de intimidade também passa pela linguagem utilizada nos vídeos. A linguagem utilizada por Cup e Bryanna é bastante informal e apesar de, muito provavelmente, ambas terem um roteiro de antemão pensado para seus vídeos, eles acontecem de maneira bem fluida, como se fosse uma conversa face a face entre duas pessoas. Ainda, brincadeiras, piadas e sarcasmos são constantes nos vídeos. Em “O que as pessoas acham de não-binários”, por exemplo, Cup brinca consigo:

“Se você gostou desse vídeo, ou quer sugerir algum vídeo, você comenta aqui nos comentários. Óbvio, porque é pra isso que servem os comentários”.

Cup – Vídeo: “O que as pessoas acham de não-binários”.

Bryanna, por sua vez, é bastante teatral em suas exposições e até imita as reações que recebe de algumas pessoas sobre seu gênero (Figura 2):

Figura 2 –Vídeo: “O que você é ?! Minha identidade de gênero não-binário”–Bryanna Nasck

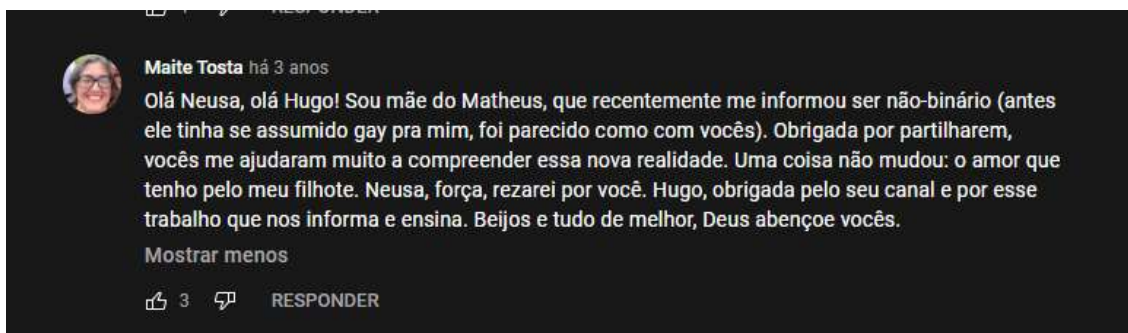


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=IZ2TcvhygQ0>

Captura de tela realizada em 13/04/2021.

Em seu canal, Bryanna também conta com um vídeo onde apresenta sua mãe como convidada. Nesse vídeo, a mãe de Bryanna responde algumas perguntas deixadas pelos seguidores da filha nas redes sociais. Também percebemos isso como uma estratégia de aproximar a *YouTuber* de seus inscritos ao trazer para eles um pouco de sua vida familiar e da íntima relação que elas demonstravam ter. Além disso, no vídeo, a mãe de Bryanna compartilha com os espectadores a sua própria perspectiva das descobertas da filha com relação a seu gênero e sua sexualidade, trazendo um novo ponto de vista para o canal da *YouTuber*. Além disso, tal estratégia pode ser vista como uma inovação, já que os espectadores se reconhecem também nos relatos da mãe (visto que muitos passam por situações nas quais suas próprias famílias acolhem, ou não, seu gênero e sua sexualidade), como vemos no comentário de uma mãe deixado neste mesmo vídeo (Figura 3):

Figura 3 – Comentário no vídeo “Como é ser mãe de uma pessoa não-binária?”– BryannaNasck.

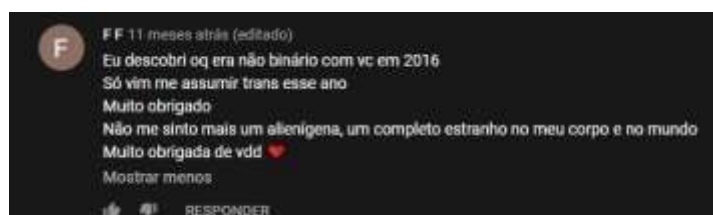


Fonte: Arquivo pessoal - Captura de tela realizada em 29/09/2021.

Ainda, o caráter de diário íntimo também está presente neste vídeo, como quando Bryanna e sua mãe falam sobre uma experiência traumática na vida de ambas, momento no qual a mãe se emociona se referindo a esse como a pior coisa pela qual ela passou em sua vida, enquanto a trilha sonora do vídeo muda para uma música mais triste e pesada. Assim, ao compartilhar trechos de sua vida familiar e de suas experiências mais marcantes, Bryanna traz o público para dentro de sua vida privada, reproduzindo, dessa maneira, um vínculo de intimidade com os espectadores.

Essa estratégia de criar intimidade com quem assiste aos vídeos é bem recebida em muitos comentários e ganha, para os canais, diversos inscritos. Vemos isso nos comentários de internautas que afirmam conhecer o canal de Bryanna Nasck há anos (Figura 4). Como vemos na mesma figura, essa aproximação busca quebrar a imagem da pessoa não-binária como “alienígena”:

Figura 4 – Comentário no vídeo “Tour pelo meu corpo trans” – BryannaNasck



Fonte: Arquivo pessoal. Captura de tela realizada em 18/02/2021

O alienígena que comenta o usuário é o monstro de Cohen (2000). Segundo esse autor, o monstro é uma metáfora para um deslocamento, é o “diferente” e “mutável” que ameaça a cultura e a sociedade. O monstro escapa às categorizações que fundamentam a sociedade, ao mesmo tempo que as permite. Eles “são híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem a tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática” (COHEN, 2000, p 30). O monstro é criado no processo em que a diferença cultural é exagerada a ponto de tomar proporções monstruosas.

Ainda, de acordo com Cohen (2000), o monstro delimita os espaços que os corpos privados podem transitar, pois se mostra como ameaça constante à normalidade; a monstruosidade é perigosa e quem ultrapassa esse limite corre o risco de tornar-se a si próprio um monstro. O monstro é ameaçador: “ele ameaça revelar que a diferença tem origem no processo e não no fato (e que o “fato” está sujeito à constante reconstrução e mudança)” (COHEN, 2000, p.45).

Assim, a estratégia de criar uma aproximação e intimidade com o público visa distanciar Bryanna e Cup do papel de “monstro ameaçador”. Nesse sentido, intenta se desfazer da imagem exagerada de “alienígena” que ocupam a partir de sua alteridade. Mas, do mesmo jeito que repele, o monstro também atrai; o monstro atíça a curiosidade e as fantasias, seduz pela sua própria monstruosidade. Bryanna e Cup atraem, para seus vídeos, diversos usuários que classificam-nas diretamente como monstros.

O corpo de uma pessoa não-binária: visibilidade do corpo como estratégia

Outra estratégia observada é a exposição do corpo das *YouTubers*. Bryanna, no vídeo “Tour pelo meu corpo Trans”, apresenta e comenta as partes de seu corpo, enquanto Cup, no vídeo “Vestindo meu corpo TRANS”, mostra várias combinações de roupas de seu armário pessoal. Considerando a centralidade do corpo na cultura contemporânea, expô-lo é, também, expor e dar visibilidade a nossa própria identidade (LOURO, 2017, p. 29). Ainda, essa estratégia se alia à estratégia anteriormente analisada, pois cria uma impressão de intimidade entre Bryanna e quem a assiste:

“Eu acho que esses vídeos de tour pelo corpo é uma ideia incrível, porque permite vocês entrarem na nossa intimidade, não apenas no nosso quarto perfeitamente arrumado pro vídeo, mas no meu corpo que viveu e sobreviveu a tantas coisas (...).”

Bryanna Nasck – Vídeo: “Tour pelo meu corpo Trans”.

“Um corpo em reconstrução é infinito”, afirma Sant’Anna (2001). Essa autora também afirma que não é sempre que as intervenções do humano sobre seu próprio corpo evocam sua ruína, mas que elas, muitas vezes, expressam o medo do corpo ininteligível (SANT’ANNA, 2001, p. 65). Nesse mesmo sentido, Bento (2006) observa, em sua pesquisa, que muitas pessoas trans optam por intervenções cirúrgicas como um meio de chegar ao ideal de gênero desejado ou, mesmo, de atingir uma humanidade que lhes foi negada. A humanidade lhes escapa pois o corpo, supostamente, ganha caráter de humano ao ser reconhecido como tendo um sexo e gênero correspondente àquele que lhe foi designado antes ou ao nascer. Assim, Bryanna Nasck realizou algumas intervenções em seu corpo em busca de alcançar a feminilidade que almejava. Antes de uma dessas intervenções, ela gravou e postou o vídeo “Tour pelo meu corpo Trans”:

“Eu queria compartilhar com vocês este meu templo antes de ele mudar completamente”.

Bryanna Nasck – Vídeo: “Tour pelo meu corpo Trans”

É interessante a escolha de ambas *YouTubers* em colocar seu próprio corpo com tanta visibilidade, pois o discurso hegemônico acerca da transexualidade e outras identidades de gênero que fogem da norma, como o gênero não-binário, relaciona tais identidades ao ódio pelo próprio corpo. Desfazendo-se desse espaço de sofrimento para o qual são relegadas as pessoas trans e não-binárias, Bryanna demonstra, no “Tour pelo seu corpo Trans”, estar fazendo movimentos para criar intimidade com o seu corpo não-binário:

“Se já é difícil pra uma pessoa que não é trans amar o próprio corpo, conseguir se compreender e entender seu espaço no mundo, imagina para uma pessoa de dois metros de altura, muito afeminada, conhecida como uma pessoa que se descobriu não-binária”.

Bryanna Nasck – Vídeo: “Tour pelo meu corpo Trans”

Segundo Cohen (2000), o corpo do monstro incorpora medo, desejo, ansiedade e fantasia. Apresentar seus corpos e seus estilos no YouTube também é uma maneira de tentar se retirar do espaço do monstro ou, ao menos, mostrar que o monstro carrega um corpo humano tal como aqueles que são posicionados na normalidade. Os corpos de Bryanna e Cup fogem da matriz heterossexual de que fala Butler (2003) e é nesse sentido que adquirem sua monstruosidade, pois não apresentam a correspondência fundante dos corpos-homens e corpos-mulheres que, supostamente, definiria a categoria do humano (BENTO, 2006, p. 25). Os corpos são generificados pela cultura, materializam-se nas relações de gênero. Tornam-se inteligíveis a partir de sua correspondência ao gênero que lhe foi designado desde antes de nascer.

Assim, apesar das modificações corporais e de se afirmar como pessoa não-binária trans feminina, Bryanna recebe comentários que ainda a definem como homem e que exigem que ela se encaixe dentro dessa identidade, independente do gênero que ela reivindica e das intervenções estéticas que realizou em seu corpo em direção à feminilidade desejada. No vídeo “Tour pelo meu corpo Trans”, Bryanna mostra as cicatrizes que carrega, as quais ela afirma serem marcas de seu passado e de tudo que ela enfrentou para chegar aonde está agora:

“Meu corpo conta uma história, carrega marcas de meu passado e tudo que enfrentei para chegar onde estou. Hoje vou abaixar todas as minhas armaduras para contar sobre esta jornada”.

Bryanna Nasck – Vídeo: “Tour pelo meu corpo Trans”.

Bento (2006) argumenta que os corpos trans carregam cicatrizes que “falam, gritam, desordenam a ordem naturalizada dos gêneros” (p. 20). Nesse sentido, as marcas que Bryanna leva consigo falam sobre ela, sua identidade, seu gênero e suas vivências como uma pessoa LGBTQIA +. Assim, colocar seu corpo em foco e apresentá-lo como

o corpo de uma pessoa não-binária é uma estratégia representacional poderosa, pois atua para refutar, modificar ou corroborar os sentidos que circulam sobre o que é uma pessoa de gênero não-binário.

Cup, ao mostrar seu estilo de se vestir (Figura 5), também dá visibilidade a uma maneira de expor seu próprio corpo como aquele de uma pessoa não-binária.

Figura 5 –Vídeo “Vestindo meu corpo TRANS”– Cup.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=cXDPeWY0e2g&t=653s>

Captura de tela realizada em 15/04/2021.

A intencionalidade desse movimento é expressa quando Cup diz:

“O que eu estou tentando fazer aqui é mostrar o meu estilo e sobre como ser trans não é algo que influencia pra mim, da forma com que eu tenho que me vestir, de uma forma que as pessoas me reconheçam como trans”. Cup – Vídeo: “Vestindo meu corpo TRANS”

Desse modo, a estratégia de Cup é mostrar, a partir de seu próprio estilo, que não é preciso ter “um estereótipo visual” para ser uma pessoa não-binária. Quando discute a representação da diferença, Hall (2016) argumenta sobre a prática da estereotipagem. Segundo o autor, a estereotipagem reduz as pessoas a algumas características simples que são representadas como fixas de sua natureza. O estereótipo reduz a pessoa a alguns traços que, por sua vez, são exagerados e simplificados. Com esse processo, facilita-se a abjeção da diferença ao se agruparem sentimentos negativos em torno desses estereótipos,

marcando, assim, a separação entre o normal e o anormal. O ponto importante, diz Hall (2016, p. 200),

(...) é que os estereótipos referem-se tanto ao que é imaginado, fantasiado, quanto ao que é percebido como “real”, e as reproduções visuais das práticas de representação são apenas metade da história. A outra metade – o significado mais profundo – encontra-se no que não está sendo dito, mas está sendo fantasiado, o que está implícito, mas não pode ser mostrado.

Assim, quando Cup afirma que existe um estereótipo de pessoas não-binárias, entende-se que elas são reduzidas a algumas poucas características que são levadas ao extremo, exageradas ou, até mesmo, caricaturizadas.

“Então, como uma pessoa agênero, como uma pessoa não-binária, eu percebo que as pessoas têm uma expectativa que a gente seja pessoas super andróginas, sabe?”. Cup – Vídeo: “Vestindo meu corpo TRANS”.

Pela fala de Cup exposta acima, percebe-se que existe um estereótipo acerca de pessoas de gênero não-binário segundo o qual tais pessoas são, todas, “superandróginas”⁹. Por não concordar com esses estereótipos, como menciona no vídeo, Cup se propõe a fazer um vídeo onde deseja mostrar que não há uma única maneira de vestir seu corpo não-binário. Nesse sentido, mostrar seu guarda-roupa e seu corpo no YouTube se apresenta como uma estratégia representacional acionada para tentar combater certos estereótipos que cercam pessoas de gênero não-binário.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos problematizar representações de gênero não-binário a partir de vídeos postados em dois canais protagonizados por pessoas que se consideram não-binárias Bryanna e Cup. A partir desse objetivo, buscamos reforçar a importância de trazer a não-binaridade para as discussões acadêmicas sobre gênero, uma vez que

⁹ Para Cup, a androginia se liga mais à expressão de gênero, ou seja, como o gênero aparece.

entendemos que este é um debate com muitos pontos de interrogação e que ainda pouco se desenvolve dentro do ambiente universitário e acadêmico, deixando, muitas vezes, as discussões limitadas a espaços informais que carecem de contribuições teóricas que nos auxiliem a pensar a materialidade do gênero não-binário. Ainda, enfatizamos que novos padrões de estratégias ou disputas representacionais podem surgir nesse campo de disputa, já que Cup e Bryanna Nasck seguem postando vídeos e sendo ativas em suas redes sociais.

De todo modo, procuramos analisar as estratégias representacionais acionadas por Bryanna e Cup. Uma das estratégias relaciona-se à tentativa de criação do vínculo com os espectadores; a outra, à exibição do próprio corpo. A partir das análises, munidas das lentes teóricas fornecidas pelos Estudos Culturais e pelos Estudos de Gênero, observamos que os vídeos de Bryanna Nasck e Cup no YouTube colocam em circulação representações de gênero não-binário e, dessa maneira, buscamos enxergar de que modo isso é feito e como isso repercute nas pessoas que encontram (e, muitas vezes, interagem) com seus vídeos. O YouTube, nesse sentido, configura-se como uma das principais plataformas de mídia da contemporaneidade, atuando na produção de significados, identidades e comportamentos ao veicular representações que serão, ou não, aceitas por quem acessa o *site*.

Referências

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em Estudos Culturais em Educação. **Revista Textura**, v. 17, n.34, p. 48-63, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 03 de novembro de 2022.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26037/1/Transviadas-BereniceBento-2017-EDUFBA.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2022.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-166.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão na identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COHEN, Jeffrey Jerome. *A cultura dos monstros: sete teses*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. *Por uma pedagogia crítica da representação*. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. B. **Territórios Contestados**. O currículo e os novos mapas políticos e culturais. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 144-158.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HILLRICH, Rainer. **Poetics of early YouTube: production, performance, success**. Bonn: ULB, 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafrão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MORAES, Ana Luiza Coiro. *A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas*. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan/jun, 2016.

MOTA, Maurício; PEDRINHO, Suzana. *Conciliando pensar e fazer com o YouTube, ou “a fábrica de presentes”*. In: BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**. Como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014, 224 p.

SANTANA, Camila Lima; COUTO, Edvaldo Souza. A publicização da vida privada no Twitter. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 14, n. 1, p. 31-39, 20 abr. 2012.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria cultural e Educação**. Um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STEFFEN, Lauren; HENRIQUES, Mariana; LISBOA FILHO, Flavia Ferreira. 2018. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. In: **Anais XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.p. 1-25.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura infantil**. A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber da (Org). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro:DP&A, 2002.p 73-92.

Recebido: 07/11/2022. Aceito: 05/12/2022. Publicado: 01/01/2023

Autores:

Manu de Calazans Gonçalves. Pedagoga e Mestre em Educação pela ULBRA. Atua como professora na Rede Municipal de Educação Infantil de Porto Alegre.

E-mail: manoela.goncalves086@educar.poa.br

País: Brasil

Bianca Salazar Guizzo. Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS. Atua como professora da Faculdade de Educação da UFRGS.

E-mail: bguizzo_1@hotmail.com

País: Brasil

Daniela Ripoll. Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS. Atua como professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA.

E-mail: daniela.ripoll@ulbra.br

País: Brasil